

VAL McDERMID

O CANTO DAS SEREIAS

Tradução
Michel Marques

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

DO DISQUETE DE 3 ½" COM A ETIQUETA: **BACKUP.007**; ARQUIVO **AMOR.001**

A gente sempre se lembra da primeira vez. Não é o que dizem sobre o sexo? Talvez isso seja mais verdadeiro quando se trata de um assassinato. Nunca me esquecerei de nenhum momento delicioso desse drama estranho e invulgar. Muito embora hoje, com o benefício da experiência e da visão retrospectiva, considero aquela uma performance amadora, ainda consigo me empolgar, por mais que não alcance a satisfação.

Apesar de não ter percebido antes que a decisão de agir me fosse imposta, eu vinha preparando o terreno para o assassinato com muita antecedência. Imagine um dia de agosto na Toscana. Um ônibus turístico com ar-condicionado nos levando a toda a velocidade de cidade em cidade, lotado de abutres da cultura do norte, todos desesperados para preencher cada instante de nosso precioso pacote de duas semanas com algo memorável que compensasse Castle Howard e Chatsworth.

Eu apreciara Florença, as igrejas e galerias de arte cheias de imagens estranhamente contraditórias de martírio e madonas. Havia escalado as alturas estonteantes do domo de Brunelleschi que coroava a imensa catedral. Minha empolgação era a escada sinuosa que leva da galeria até a minúscula cúpula acima, os degraus de pedra gastos, espremidos como sanduíches entre o teto do domo e o próprio telhado. Era como estar dentro do meu computador, uma

aventura real de RPG, percorrendo a trilha do labirinto lentamente e com dificuldade até chegar à luz do dia. Só faltavam monstros para exterminar pelo caminho. E depois, emergir no dia claro e com a surpresa de que lá em cima, no final dessa subida comprimida, havia um vendedor de cartões-postais e suvenires, um homenzinho moreno e sorridente, curvado por puxar suas mercadorias para cima há tantos anos. Se fosse mesmo um jogo, eu poderia ter comprado alguma magia com ele. Do modo como eram as coisas, comprei mais cartões-postais do que tinha para quem enviar.

Depois de Florença, San Gimignano. A cidade surgia da planície verde da Toscana, suas torres em ruínas fincando-se no céu como dedos que se agarram ao solo, da beirada de uma cova. O guia tagarelava sobre “uma Manhattan medieval”, outra comparação grosseira para adicionar à lista que nos tinha sido impingida desde Calais.

À medida que nos aproximávamos da cidade, minha empolgação crescia. Em toda a Florença, eu vira os anúncios da única atração turística que realmente desejava ver. Penduradas esplendidamente em postes de iluminação, deslumbrantes em vermelho vivo e dourado, as faixas insistiam que eu visitasse o Museo Criminologico di San Gimignano. Consultando meu livro de frases de viagem, confirmei o que achava que as letras miúdas diziam. Um museu de criminologia e tortura. Não é preciso dizer que ele não constava em nosso itinerário cultural.

Não tive trabalho de procurar meu destino; um folheto sobre o museu, completo com o mapa de ruas, foi-me entregue passados menos de dez metros do portal de pedra localizado nas muralhas medievais. Saboreando o prazer da expectativa, perambulei por algum tempo, maravilhando-me com os tributos à desarmonia civil representados pelas torres. Cada família poderosa tivera sua própria torre fortificada que defendia contra os vizinhos com todos os meios, de chumbo derretido a canhões. No auge da prosperidade da cidade, havia, segundo dizem, cerca de duzentas torres. Comparada à San Gimignano

medieval, a noite de sábado nas docas depois do expediente parece o jardim de infância; os marinheiros, meros amadores em desordem.

Quando não pude mais resistir à atração do museu, cruzei a praça central, lançando uma moeda de duzentas liras bicolor no poço para dar sorte, e caminhei alguns metros por uma rua lateral, onde as agora familiares tapeçarias enfeitavam as antigas muralhas de pedra. Com a excitação zunindo em mim como um mosquito sedento por sangue, adentrei o frio foyer e calmamente comprei meu ingresso e um exemplar do guia do museu ilustrado em papel brilhante.

Como posso começar a descrever a experiência? A realidade física era muito mais avassaladora do que eu me preparara com as fotografias, vídeos ou livros. A primeira peça em exposição era um potro, e o cartão que o acompanhava descrevia sua função em adoráveis detalhes em italiano e inglês. Os ombros se soltavam de seus encaixes; quadris e cintura se separavam, com o som de cartilagem e ligamentos sendo rasgados; a coluna se esticava, perdendo o alinhamento até que as vértebras se desmontavam como contas de um cordão partido. “As vítimas”, o cartão dizia laconicamente, “muitas vezes mediam entre quinze e vinte e três centímetros a mais depois do potro.” Que mentes extraordinárias tinham os inquisidores. Não satisfeitos em interrogar seus hereges enquanto estavam vivos e sofriam, eles precisavam buscar mais respostas de seus corpos violados.

A exposição era um testemunho da engenhosidade do homem. Como alguém poderia não admirar as mentes que examinaram o corpo humano com tanta intimidade a ponto de arquitetar um sofrimento tão sofisticado e precisamente calibrado? Com sua tecnologia de relativa rusticidade, aqueles cérebros medievais criaram sistemas de tortura tão apurados que ainda hoje estão em uso. Ao que parece, o único aperfeiçoamento que nossa sociedade pós-industrial conseguiu conceber foi o frisson extra fornecido pela aplicação da eletricidade.

Eu andava pelas salas saboreando cada um dos brinquedos, dos espetos grosseiros da Dama de Ferro ao mecanismo mais sutil e elegante das peras, aqueles corpos ovoides delgados e segmentados que eram inseridos na vagina ou no ânus. Depois, quando o roquete era girado, os segmentos se separavam e expandiam até que a pera se metamorfoseava numa estranha flor, com as pétalas orladas de dentes metálicos afiados como navalha. Em seguida, era removida. Às vezes, as vítimas sobreviviam, o que provavelmente era um destino mais cruel.

Percebi o mal-estar e o horror no rosto e na voz de outros visitantes como eu, mas reconheci a hipocrisia contida nisso. Secretamente, eles estavam adorando cada minuto daquela peregrinação. No entanto a respeitabilidade proibida qualquer demonstração pública de entusiasmo. Apenas as crianças eram sinceras em sua fervorosa fascinação. Eu teria apostado, de bom grado, que estava longe de ser a única pessoa naquelas salas frias em tom pastel que sentia o surto do desejo sexual entre as pernas enquanto éramos arrebatados pelas peças expostas. Muitas vezes me perguntei quantos encontros sexuais de férias foram apimentados pelas lembranças secretas do museu de tortura.

Lá fora, num pátio banhado de sol, um esqueleto agachado numa gaiola, com os ossos limpos como se tivessem sido desnudados por abutres. No tempo em que as torres estavam de pé, essas gaiolas eram penduradas nas muralhas externas de San Gimignano; uma mensagem tanto para os habitantes quanto para os forasteiros de que esta era uma cidade onde a lei cobrava uma dura pena se não fosse respeitada. Senti uma estranha afinidade com esses habitantes dos burgos. Eu também respeitava a necessidade de punição após a perfídia.

Próximo ao esqueleto, uma enorme roda com raios de metal estava encostada à muralha. Ela teria parecido perfeitamente adequada a um museu agrícola. Mas o cartão fixado na parede atrás dela revelava uma função mais imaginativa. Os criminosos eram atados à roda. Primeiro, eram esfolados com

um azorrague que arrancava a carne dos ossos, expondo suas entranhas para a multidão ansiosa. Depois, seus ossos eram quebrados com barras de ferro na roda. Flagrei-me pensando na carta de tarô, a roda da fortuna.

Quando percebi que teria de me tornar homicida, a lembrança do museu de tortura surgiu diante de mim como uma musa. Sempre trabalhei bem com as mãos.

Depois da primeira vez, parte de mim esperava que não houvesse a compulsão de repetir o ato. Mas eu sabia que, se tivesse de fazer de novo, da próxima vez seria melhor. Aprendemos com nossos erros as imperfeições de nossas ações. E, felizmente, a prática leva à perfeição.

1



Cavalheiros, tive a honra de ser escolhido por seu comitê para a árdua tarefa de proferir a Conferência Williams sobre Assassinato considerado como uma das belas-artes; uma tarefa que podia ser fácil o bastante há três ou quatro séculos, quando a arte ainda era pouco compreendida, e poucos modelos notáveis haviam sido expostos; mas hoje, quando obras-primas de excelência foram executadas por profissionais, deve ser evidente, que no estilo da crítica que lhes foi aplicada, o público procurará algo com um aprimoramento correspondente.

Tony Hill colocou as mãos atrás da cabeça e fitou o teto. Havia uma fina teia de rachaduras em torno da elaborada roseta de gesso que circundava a luminária, mas ele não tomou consciência dela. A luz fraca do amanhecer, tingida com o laranja das lâmpadas de vapor de sódio da rua, foi filtrada por uma abertura triangular na parte de cima da cortina, mas ele não tinha nenhum interesse nela tampouco. Com o subconsciente, ele registrou o boiler do aquecimento

central entrando em ação, aprontando-se para suavizar o frio do inverno úmido que penetrava pela porta e pelos vidros da janela. Seu nariz estava frio, e ele tinha uma sensação de areia nos olhos. Não conseguia se lembrar da última vez que tivera uma noite inteira de sono. Sua preocupação com o que tinha de enfrentar naquele dia era parte da razão dos sonhos interrompidos da noite, mas havia mais do que isso. Muito mais.

Como se o dia de hoje não fosse preocupação mais do que suficiente. Ele sabia o que se esperava dele, mas cumprir era outra história. Outras pessoas lidavam com essas coisas sem nada além de um breve tremor na barriga, mas não Tony. Era preciso usar toda a sua habilidade para manter as aparências e chegar ao final do dia. Em circunstâncias como aquela, ele compreendia o quanto exigia dos atores profissionais compor os desempenhos atormentados e intensos que cativavam o público. À noite, ele não serviria para nada, salvo outra tentativa vã de obter oito horas de sono.

Tony mudou de posição na cama, liberando uma das mãos e a passando pelos curtos cabelos escuros. Cofiou os fiapos de barba no queixo e suspirou. Ele sabia o que queria fazer hoje, mas da mesma forma tinha perfeita consciência de que, se o fizesse, seria suicídio profissional. Não importava que soubesse que havia um serial killer à solta em Bradfield. Não podia dar-se ao luxo de ser o primeiro a afirmar isso. Sentiu um aperto no vazio do estômago e fez uma careta de dor. Com um suspiro, empurrou o edredom e saiu da cama, sacudindo as pernas para esticar as dobras de seu pijama folgado.

Tony se arrastou até o banheiro e acendeu a luz. Enquanto esvaziava a bexiga, estendeu a mão livre e ligou o rádio. O locutor de tráfego da Bradfield Sound estava anunciando os prováveis

engarrafamentos da manhã com uma alegria que nenhum motorista poderia igualar sem grandes doses de Prozac. Felizmente, ele não dirigiria naquela manhã. Tony se virou para a pia.

Ele contemplou os olhos azuis afundados em suas órbitas e ainda turvos de sono. Quem quer que tenha dito que os olhos são os espelhos da alma gostava de uma boa conversa fiada, pensou com ironia. Provavelmente era melhor assim, ou ele não teria um espelho intacto na casa. Abriu o botão de cima do pijama e abriu o armário do banheiro, esticando a mão para pegar a espuma de barbear. O tremor que identificou nela o interrompeu no meio da ação. Com raiva, fechou a porta com um estrondo e procurou o barbeador elétrico. Odiava o resultado que ele produzia, nunca o deixando com a sensação de frescor e limpeza que vinha de um barbear molhado. Mas era melhor se sentir vagamente desleixado que dar as caras como uma ilustração ambulante da morte, com mil cortes no rosto.

A outra desvantagem do barbeador elétrico era que ele não precisava se concentrar tanto no que estava fazendo, deixando a mente livre para abarcar o dia à frente. Às vezes, era tentador imaginar que todo mundo era como ele, levantando-se pela manhã e selecionando um personagem para o dia. Mas ele aprendera, após anos examinando a vida de outras pessoas, que não era assim. Para a maior parte das pessoas, a seleção disponível era limitadíssima. Sem dúvida, algumas ficariam agradecidas pelas escolhas que a habilidade, o conhecimento e a necessidade proporcionaram a Tony. Ele não era uma delas.

Quando desligou o barbeador, ouviu os acordes frenéticos que precediam todo resumo de notícias na Bradfield Sound. Com uma sensação de mau agouro, virou o rosto para o rádio, tenso e alerta

como um corredor de meia distância à espera do tiro de partida. No fim do boletim de cinco minutos, suspirou aliviado e abriu a cortina do chuveiro. Ele esperara uma revelação que lhe teria sido impossível de ignorar. Mas, até agora, a contagem de corpos ainda estava em três.

No outro lado da cidade, John Brandon, o chefe de polícia assistente da Polícia Metropolitana de Bradfield (divisão de crimes), curvou-se sobre a pia dirigindo um olhar triste para o espelho do banheiro. Nem mesmo o sabão de barbear que cobria seu rosto como uma barba de Papai Noel poderia lhe conferir um ar de benevolência. Se não tivesse escolhido a polícia, ele teria sido um candidato ideal para uma carreira de agente funerário. Media um metro e oitenta e oito centímetros de altura, era magro a ponto de ser esquelético, com olhos fundos escuros e cabelos prematuramente grisalhos. Mesmo quando sorria, seu rosto comprido conseguia manter um ar melancólico. Hoje, pensou, ele parecia um sabujo com resfriado. Pelo menos havia um bom motivo para seu infortúnio: estava prestes a seguir um procedimento que seria tão bem-recebido pelo chefe de polícia quanto um padre numa fraternidade protestante.

Brandon suspirou profundamente, espirrando espuma no espelho. Derek Armthwaite, seu chefe, tinha os olhos azuis intensos de um visionário, mas não havia nada revolucionário no que eles viam. Era um homem que considerava o Antigo Testamento um manual mais apropriado para policiais do que a legislação aprovada pelo parlamento. Acreditava que a maior parte dos métodos policiais modernos não apenas era ineficaz, mas herética.

Na opinião que Derek Armthwaite expressava com frequência, trazer de volta a vara de marmelo e o chicote de nove pontas seria muito mais eficaz na redução dos índices criminais do que qualquer número de assistentes sociais, sociólogos ou psicólogos. Se tivesse alguma ideia do que Brandon tinha planejado para aquela manhã, ele o teria transferido para o departamento de trânsito, o equivalente dos dias de hoje a Jonas ser engolido pela baleia.

Antes que sua depressão pudesse superar sua determinação, uma batida na porta do banheiro assustou Brandon.

— Pai — chamou sua filha mais velha. — Você ainda vai demorar muito?

Antes de responder, Brandon ainda pegou a navalha e raspou-a numa das faces.

— Cinco minutos, Karen — gritou ele. — Desculpe, querida.

Numa casa com três adolescentes e apenas um banheiro, raramente havia muita oportunidade para refletir.

Carol Jordan deixou seu café pela metade ao lado da pia e cambaleou até o chuveiro, quase tropeçando no gato preto que se enroscava em seus tornozelos.

— Um minuto, Nelson — murmurou ela, enquanto fechava a porta para o miado interrogativo. — E não acorde o Michael.

Carol tinha imaginado que a promoção à detetive-inspetora e a saída concomitante do plantão da rota lhe concederiam as oito horas regulares de sono por noite que vinham sendo seu desejo constante desde a primeira semana de trabalho. Que falta de sorte que a promoção tinha coincidido com o que sua equipe estava chamando

sigilosamente de Assassinatos de Gays. Por mais que o superintendente Tom Cross protestasse tanto na imprensa quanto na sala do esquadrão que não havia conexões da perícia forense entre os assassinatos, e nada que sugerisse a presença de um serial killer em Bradfield, as equipes de homicídio pensavam de modo diferente.

Enquanto a água quente rolava em cascata sobre Carol, tornando cinzentos seus cabelos louros, ela pensou, não pela primeira vez, que a atitude de Cross, como a do chefe de polícia, servia a seus próprios preconceitos ao invés da comunidade. Quanto mais ele negava que houvesse um serial killer atacando homens, cuja fachada respeitável escondia uma vida homossexual secreta, mais gays morreriam. Se não era mais possível tirá-los das ruas prendendo-os, deixe que um assassino os remova. Não importa muito se ele fizesse isso através do homicídio ou do medo.

Era uma política que tornava absurdas todas as horas que ela e seus colegas estavam empregando nas investigações. Sem mencionar as centenas de milhares de libras do dinheiro dos contribuintes que esses inquéritos estavam custando, especialmente uma vez que Cross insistia que cada assassinato fosse tratado como algo inteiramente distinto. Cada vez que uma das três equipes surgia com algum detalhe que parecia ligar os casos, Tom Cross o rejeitava com cinco pontos em que havia divergência. Não importava que cada vez os elos fossem diferentes e as desculpas sempre o mesmo velho quinteto. O chefe dos detetives-inspetores tinha se retirado completamente do conflito, entrando de licença médica com seu oportuno problema nas costas. Quem mandava, então, era Cross.

Carol esfregou o xampu nas mãos até formar uma espuma volumosa e sentiu-se acordar gradualmente debaixo da ducha quente. Bem, sua parte da investigação não ficaria encalhada nos recifes de preconceito de Popeye Cross. Mesmo que alguns de seus policiais

menos graduados estivessem inclinados a se apegar à falta de visão do chefe como uma desculpa para as suas próprias investigações pouco inspiradas, Carol não aceitaria nada menos que cem por cento de compromisso, e na direção correta. Ela havia trabalhado como um mouro por quase nove anos, primeiro para conseguir um bom diploma e depois para justificar seu lugar na fila rápida das promoções. Não queria que sua carreira fosse por água abaixo só porque cometeu o engano de escolher uma força regida por neandertais.

Determinada, Carol saiu do chuveiro, com os ombros retos e um brilho rebelde nos olhos verdes.

— Venha, Nelson — disse ela, mexendo os ombros para entrar no roupão e puxando para cima com a mão o feixe muscular de pelo negro do gato. — Vamos atacar a carne vermelha, garoto.

Tony examinava a imagem projetada na tela sobre sua cabeça pelos últimos cinco segundos. Como a maior parte da plateia expressara claramente sua falta de compromisso com a palestra ao não tomar notas, ele queria pelo menos oferecer ao subconsciente dos presentes a oportunidade máxima de absorver seu fluxograma do processo de criação de perfis criminais.

Ele se virou de novo para a plateia.

— Não preciso lhes dizer o que já sabem. Os analistas criminais não capturam criminosos. São os agentes da lei que fazem isso.

Ele sorriu para sua audiência de policiais veteranos e funcionários do Ministério do Interior, convidando-os a compartilhar sua autodepreciação. Alguns o acompanharam, embora a maioria tenha permanecido com o rosto sem expressão e a cabeça caída para um lado.

Por mais que enfeitasse, Tony sabia que não conseguiria convencer a maioria dos policiais veteranos de que não era um acadêmico sem contato com a realidade tentando lhes dizer como fazer seu trabalho. Suprimindo um suspiro, ele olhou para suas anotações e continuou, tentando fazer o máximo de contato visual que podia, copiando a linguagem corporal descontraída dos comediantes de stand-up bem-sucedidos que ele estudara visitando as boates do norte.

— Porém, às vezes, nós analistas criminais vemos as coisas de modo diferente — disse. — E essa nova perspectiva pode fazer toda a diferença. Mortos contam histórias, e as histórias que eles contam aos analistas não são as mesmas que contam aos policiais.

“Por exemplo: um cadáver é encontrado nos arbustos a três metros da estrada. Um policial observa esse fato. Ele verifica todo o terreno em volta em busca de pistas. Há pegadas? Algo foi descartado pelo assassino? Alguma fibra ficou presa nos arbustos? Mas, para mim, esse fato isolado é apenas o ponto de partida para especulações que, tomadas em conjunto com todas as outras informações à minha disposição, podem me levar a conclusões úteis sobre o assassino. Eu me pergunto: o corpo foi colocado ali deliberadamente? Ou o assassino estava cansado demais para continuar carregando? Ele tentou escondê-lo ou descartá-lo? Ele queria que fosse encontrado? Por quanto tempo ele esperava, ou queria, que ficasse escondido? Qual o significado desse lugar para ele?”

Tony ergueu os ombros e estendeu as mãos num gesto aberto de questionamento. A plateia continuou olhando, sem se mexer. Meu Deus, quantos truques ele teria que tirar da cartola antes de obter uma resposta? A sensação de suor na nuca estava se tornando uma

gota, deslizando para baixo entre sua pele e a gola da camisa. Era uma sensação desconfortável que lhe lembrava quem ele realmente era por trás da máscara que assumira para sua apresentação pública.

Tony limpou a garganta, concentrou-se no que estava projetando, em vez de no que sentia, e prosseguiu:

— A geração de perfis criminais é só mais uma ferramenta que pode ajudar os policiais a restringir o foco da investigação. Nosso trabalho é compreender o bizarro. Não podemos lhes dar nome, endereço e telefone de um criminoso. Contudo, podemos direcioná-los quanto ao tipo de pessoa que cometeu um crime com características específicas. Às vezes, podemos indicar a área onde ele pode morar, o tipo de trabalho que esperamos que tenha.

“Sei que alguns de vocês questionaram a necessidade de montar uma Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Vocês não estão sozinhos. Os liberais também estão fazendo um estardalhaço quanto a isso.”

Finalmente, pensou Tony com profundo alívio. Sorrisos e gestos afirmativos na plateia. Ele precisou de quarenta minutos para chegar lá, mas finalmente quebrou a resistência deles. Não significava que poderia relaxar, mas aliviava seu desconforto.

— Afinal — continuou —, não somos como os americanos. Não temos serial killers à espreita em cada esquina. Ainda temos uma sociedade em que mais de noventa por cento dos assassinatos são cometidos por familiares ou pessoas que eram conhecidas das vítimas.

Ele os estava conduzindo agora. Vários pares de pernas e braços se descruzaram, organizados como um exercício militar.

— Mas a geração de perfis não se restringe à captura do próximo Hannibal, o Canibal. A técnica pode ser usada em uma extensa gama

de crimes. Já tivemos notável sucesso nas medidas antissequestro em aeroportos, capturando “mulas”, escritores de cartas anônimas, chantagistas, estupradores compulsivos e incendiários. E tão importante quanto isso, a criação de perfis criminais foi usada com muita eficácia para aconselhar policiais quanto a técnicas de interrogatório e formas de lidar com suspeitos em importantes inquéritos criminais. Não que falte aos seus policiais as técnicas de interrogatório; só que nosso histórico clínico indica que desenvolvemos abordagens diferentes, que muitas vezes podem ser mais produtivas que as técnicas comuns.

Tony respirou fundo e se inclinou para a frente, segurando a borda do atril. Seu parágrafo final tinha soado bem em frente ao espelho do banheiro. Ele rezou para que acertasse em cheio o alvo em vez de pisar no calo das pessoas.

— Minha equipe e eu estamos agora no primeiro ano de um estudo de plausibilidade de dois anos para montar a Força-Tarefa Nacional de Criação de Perfis Criminais. Já entreguei um relatório provisório para o Ministério do Interior, que me confirmou ontem que o órgão está comprometido com a formação da força-tarefa assim que o relatório final for entregue. Senhoras e senhores, essa revolução na luta contra o crime vai acontecer. Vocês têm um ano para se certificarem de que ela ocorrerá de uma forma com a qual se sintam confortáveis. Minha equipe e eu temos mentes abertas. Estamos todos do mesmo lado. Queremos saber o que vocês pensam, porque queremos que dê certo. Queremos criminosos violentos e perigosos atrás das grades, do mesmo modo que vocês querem. Creio que nossa ajuda lhes seria útil. Sei que podemos contar com a ajuda de vocês.

Tony deu um passo para trás e saboreou os aplausos, não porque fossem especialmente entusiasmados, mas porque sinalizavam o fim dos quarenta e cinco minutos que ele vinha temendo há semanas. Falar em público sempre esteve absolutamente fora dos limites de sua zona de conforto, de tal maneira que ele recusou a carreira acadêmica depois de obter seu doutorado porque não conseguia encarar o espectro constante do auditório. A habilidade de se apresentar em particular não era um motivo. De algum modo, passar os dias vasculhando as partes remotas e distorcidas da mente de criminosos insanos era bem menos ameaçador.

Quando as breves palmas cessaram, o relações-públicas do Ministério do Interior levantou num salto de seu assento na primeira fila. Enquanto Tony provocava uma desconfiança cautelosa na parte do seu público formada por policiais, George Rasmussen gerava mais irritação generalizada que picada de pulga. Seu sorriso ansioso revelava dentes demais e uma semelhança perturbadora com o comediante George Formby, que estava em desacordo com a antiguidade de seu cargo no serviço público e com o corte elegante de seu terno cinza risca de giz. Os zurros retumbantes de seu sotaque de escola pública eram tão exagerados que Tony ficou convencido de que Rasmussen tinha realmente sido educado em algum colégio inclusivo. Tony ouvia sem muita atenção enquanto ele mexia nas anotações e recolocava as transparências em suas respectivas pastas. Agradecidos pelas fascinantes explicações blá-blá-blá... Café e esses biscoitos absolutamente deliciosos, blá-blá-blá... Oportunidade para perguntas informais, blá-blá-blá... Lembrá-los de que todas as apresentações de propostas para o dr. Hill devem ser feitas até...

O som dos pés se arrastando abafou o resto da fala cheia de lábia de Rasmussen. Quando a escolha era entre o discurso de

agradecimento de um funcionário público e uma xícara de café, não havia competição. Nem mesmo para os funcionários públicos. Tony respirou fundo. Hora de abandonar o papel de palestrante. Agora ele precisava ser o colega charmoso e bem-informado, ansioso para ouvir, assimilar e fazer seus novos contatos sentirem que ele realmente estava do lado deles.

John Brandon se levantou e ficou na lateral da fileira de assentos para permitir que as outras pessoas se retirassem. Observar a apresentação de Tony Hill não tinha sido tão elucidativo quanto ele esperava. Informara muito sobre a geração de perfis psicológicos, mas quase nada sobre o homem, exceto que ele parecia confiante sem ser presunçoso. Os últimos quarenta e cinco minutos não lhe trouxeram nenhuma certeza de que o que estava planejando era a coisa certa a fazer. Mas ele não conseguia ver outra alternativa. Permanecendo colado à parede, Brandon avançou contra o fluxo de pessoas até que estivesse no mesmo nível de Rasmussen. Vendo que sua plateia expressava sua insatisfação indo embora, o funcionário público tinha encerrado seu discurso abruptamente e desfeito o sorriso. Enquanto Rasmussen coletava os papéis que tinha largado no assento, Brandon passou por ele de mansinho e foi até o lado oposto, onde estava Tony, que fechava sua surrada valise de couro.

Brandon limpou a garganta e disse:

— Dr. Hill? — Tony olhou para cima, com um educado olhar interrogativo no rosto. Brandon engoliu seu receio e continuou: — Não nos conhecemos, mas você vem trabalhando na minha área. Sou John Brandon...

— O chefe de polícia assistente de investigações criminais? — interrompeu Tony, com um sorriso de orelha a orelha. Ele ouvira o bastante sobre John Brandon para saber que ele era um homem que queria do seu lado. — É um prazer conhecê-lo, sr. Brandon — disse, injetando simpatia em sua voz.

— John, pode me chamar de John — respondeu Brandon, de modo mais abrupto do que pretendia. Ele percebeu com uma onda de surpresa que estava nervoso. Havia algo na serena segurança de Tony Hill que o desconcertava. — Podemos ter uma palavrinha?

Antes que Tony pudesse responder, Rasmussen estava entre eles.

— Com licença — interveio, sem nenhum sinal de humildade, o sorriso de volta em seu lugar. — Tony, se puder ir agora para a sala de café, sei que nossos amigos na polícia estão ansiosos para conversar com você de um modo mais próximo. Sr. Brandon, se quiser nos acompanhar...

Brandon podia sentir seus pelos se eriçando. Estava desconfortável o bastante com a situação sem ter que lutar para manter a confidencialidade de sua conversa numa sala cheia de policiais bebedores de café e figurões intrometidos do Ministério do Interior.

— Se eu pudesse só ter uma palavrinha em particular com o dr. Hill?

Tony olhou de relance para Rasmussen, notando o leve aprofundamento das linhas paralelas entre suas sobrancelhas. Normalmente, teria sido divertido provocar Rasmussen, continuando sua conversa com Brandon. Ele sempre gostou de cutucar gente pomposa, reduzindo a arrogância à impotência. Mas havia coisas demais que dependiam do sucesso de seu encontro com outros policiais hoje, de modo que decidiu se privar do prazer. Em vez disso, desviou o olhar de Rasmussen sem disfarçar e disse:

— John, você vai voltar de carro para Bradfield depois do almoço?

Brandon fez que sim.

— Talvez pudesse me dar uma carona, então? Vim de trem, mas se não se importar, eu preferia não enfrentar a British Rail no caminho de volta. Sempre há a opção de me deixar nos limites da cidade, se não quiser ser visto confraternizando com esse pessoal que segue o que está na moda.

Brandon sorriu, o rosto comprido se vincando em rugas símias.

— Acho que não será necessário. Ficarei feliz em deixá-lo na sede da força.

Ele ficou atrás e observou Rasmussen guiar Tony para as portas, preocupando-se em todo o caminho. Brandon não conseguia se livrar da sensação ligeiramente desconcertante que o psicólogo lhe tinha dado. Talvez o hábito adquirido de estar no controle de tudo em seu mundo tivesse tornado um simples pedido em uma experiência estranha que automaticamente lhe deixava desconfortável. Não havia outra explicação óbvia. Com um gesto de indiferença, seguiu o grupo até a sala do café.

Tony fechou o cinto de segurança com um clique e saboreou o conforto do Range Rover sem identificação. Ele não disse nada enquanto Brandon manobrava para fora do estacionamento do comando de Manchester e se encaminhava para a rede de rodovias, não querendo interferir na concentração necessária para evitar se perder numa cidade não familiar. Enquanto passavam lentamente pela via

secundária que dava acesso à rodovia principal e se juntavam ao tráfego que fluía rapidamente, Tony quebrou o silêncio:

— Se isso ajuda, acho que já sei sobre o que você quer falar comigo.

As mãos de Brandon ficaram tensas no volante.

— Achei que você fosse um psicólogo, não um vidente — brincou. Ele se surpreendeu. O humor não fazia parte de seu modo de ser natural; normalmente recorria a ele apenas quando estava sob pressão. Brandon não conseguia se acostumar a como se sentia nervoso ao pedir esse favor.

— Alguns de seus colegas me dariam mais importância se eu fosse — disse Tony ironicamente. — Então, você quer que eu tente adivinhar e corra o risco de bancar o idiota?

Brandon deu uma rápida olhada em Tony. O psicólogo parecia relaxado, com as palmas das mãos para baixo em suas coxas e os pés cruzados nos tornozelos. Ele dava a impressão de que estaria mais à vontade de jeans e suéter do que no terno que até Brandon identificava como muito ultrapassado em relação à moda atual. Podia se identificar com isso, lembrando-se dos comentários mordazes que as filhas rotineiramente faziam sobre as suas roupas de passeio.

Brandon disse de modo abrupto:

— Acho que temos um serial killer agindo em Bradfield.

Tony deixou escapar um pequeno suspiro de satisfação.

— Estava começando a me perguntar se você tinha notado — respondeu ele, com ironia.

— Está longe de ser uma opinião unânime — disse Brandon, sentindo a necessidade de alertar Tony antes mesmo de pedir sua ajuda.

— Deduzi da cobertura da imprensa. Se lhe serve de consolo, pelo que li, tenho certeza absoluta que sua análise está correta.

— Não foi exatamente a impressão que deu nas suas declarações no *Sentinel Times* depois do último assassinato.

— Meu trabalho é cooperar com a polícia, não prejudicá-la. Suponho que você tenha suas próprias razões operacionais para não tornar públicas as pistas do serial killer. Enfatizei com eles que o que estava dizendo não era mais que uma teoria baseada em informações de conhecimento público — acrescentou Tony, seu tom contradizendo a súbita tensão de seus dedos que faziam pregas no tecido de suas calças formando um plissado solto.

Brandon sorriu, ciente apenas da voz.

— Touché. Então, você está interessado em nos dar uma mão-zinha?

Tony sentiu uma onda quente de satisfação. Era isso que vinha aguardando ansiosamente havia semanas.

— Tem uma parada na estrada daqui a alguns quilômetros. Aceita uma xícara de chá?

A detetive-inspetora Carol Jordan olhava fixamente o caos de carne despedaçada que antes havia sido um homem, forçando os olhos com determinação para mantê-los fora de foco. Ela queria não ter se interessado naquele sanduíche velho de queijo da cantina. Por alguma razão, ninguém reclamava quando policiais jovens vomitavam diante de vítimas de morte violenta. Angariavam até certa simpatia com isso. Mas, apesar do fato de que, supostamente, faltava

coragem às mulheres, quando as policiais femininas vomitavam nas áreas adjacentes às cenas do crime, elas perdiam instantaneamente qualquer respeito que tivessem conquistado e se tornavam objetos de desprezo, os alvos das piadas machistas. Não há nenhuma lógica nisso, pensou Carol amargamente enquanto cerrava as mandíbulas com mais força. Ela enfiou as mãos no fundo dos bolsos de sua capa de chuva e cerrou os punhos, cravando as unhas nas palmas.

Carol sentiu a mão de alguém em seu braço, um pouco acima do cotovelo. Grata pela oportunidade de desviar o olhar, ela se virou e encontrou seu sargento se avultando sobre ela. Don Merrick era uns bons vinte centímetros mais alto que sua chefe, e tinha desenvolvido uma estranha corcunda quando falava com ela. A princípio, ela achava isso divertido o bastante para contar às amigas durante um jantar ocasional ou quando conseguiam programar uma saída à noite para tomar uns drinques. Agora, ela nem notava.

— A área já está isolada, chefe — disse ele, com seu sotaque do nordeste da Inglaterra. — O legista está a caminho. O que acha? Estamos diante do número quatro?

— Não deixe o supervisor ouvir o que diz, Don — recomendou ela, não inteiramente de brincadeira. — No entanto, eu diria que sim. — Carol olhou em volta. Eles estavam na região de Temple Fields, no pátio de um pub que servia principalmente ao público gay, com um bar em cima frequentado por lésbicas, três noites por semana. Ao contrário do que sugeriam os gracejos dos machões que ela ultrapassou nas disputas de promoção, esse não era um bar no qual Carol teria motivo para entrar algum dia.

— E o portão?

— Pé de cabra — disse Merrick, laconicamente. — Não está ligado ao sistema de alarme.

Carol inspecionou os altos depósitos de lixo e as caixas empilhadas de garrafas vazias.

— Nenhuma razão para estar ligado — falou ela. — O que o proprietário tem a dizer?

— Whalley está falando com ele nesse momento, chefe. Parece que ele fechou ontem à noite por volta de onze e meia. Eles têm lixeiras com rodas atrás das grades para as garrafas vazias e, na hora de fechar, eles as levam para o pátio lá atrás. — Merrick acenou para a porta de trás do pub, onde estavam três lixeiras plásticas azuis, cada uma do tamanho de um carrinho de supermercado. — Eles só separam à tarde.

— E foi assim que encontraram isso? — perguntou Carol, fazendo um gesto com o polegar sobre o ombro.

— Simplesmente estava deitado lá. Ao relento, pode-se dizer.

Carol assentiu com a cabeça. O arrepio que a percorreu nada tinha a ver com o vento nordeste gelado. Ela deu um passo em direção ao portão.

— Tudo bem. Vamos deixar isso com a perícia por enquanto. Estamos só atrapalhando aqui. — Merrick a seguiu pelo beco estreito atrás do pub. Era um pouco mais largo do que o necessário para um veículo passar. Carol olhou para cima e para baixo do beco, agora cercado com fitas da polícia e protegido em cada extremidade por dois policiais uniformizados.

— Ele conhece seu território — murmurou ela ao andar para trás ao longo do beco, mantendo o portão do pub constantemente à vista. Merrick a seguia, esperando por novas ordens.

No fim do beco, Carol parou e girou para verificar a rua. De frente para o beco havia um prédio alto, um ex-armazém que tinha sido convertido em oficinas de artesanato. À noite, costumava ficar deserto, mas no meio da tarde quase todas as janelas enquadravam rostos ansiosos, olhando do calor interno para o drama abaixo.

— Não há muita chance de que alguém estivesse olhando pela janela no momento crucial, imagino — comentou.

— Mesmo que alguém estivesse, não teria notado nada — disse Merrick incredulamente. — Depois que tudo fecha, as ruas por aqui ficam uma agitação. Todas as portas, todos os becos e metade dos carros têm um par de veados comendo o rabo um do outro. Não admira que o chefe de polícia chame Temple Fields de “Sodoma e Gomorra”.

— Sabe, muitas vezes fico pensando. É bem claro o que eles estavam fazendo em Sodoma, mas qual você acha que era o pecado em Gomorra? — perguntou Carol.

Merrick tinha uma aparência perplexa. Isso aumentava de modo perturbador sua semelhança com um labrador de olhos tristes.

— Não estou entendendo, senhora.

— Não importa. Estou surpresa que o sr. Armthwaite não tenha feito a Delegacia de Costumes removê-los todos com acusações de obscenidade — disse Carol.

— Ele chegou a tentar há alguns anos — confidenciou Merrick. — Mas a corregedoria encheu o saco dele por causa disso. Ele os enfrentou, mas eles o ameaçaram com o Ministério do Interior. E depois do problema com Holmwood Three, ele sabia que já estava na corda bamba com os políticos, então recuou. Isso, porém, não impede que ele os recrimine sempre que uma oportunidade aparece.

— Bem, espero que dessa vez nosso amável assassino do bairro tenha-nos deixado um pouco mais de indícios para prosseguirmos, ou nosso querido líder pode escolher outro alvo para sua próxima recriminação. — Carol endireitou os ombros. — Certo, Don. Quero visitas às lojas, agora. De porta em porta. E, hoje à noite, nós todos estaremos nas ruas, falando com os michês.

Antes que Carol pudesse concluir suas instruções, uma voz de trás das fitas interrompeu.

— Inspetora Jordan? Penny Burgess, do *Sentinel Times*. Inspetora? O que temos aqui?

Carol fechou os olhos por um breve momento. Lidar com os obstinados intolerantes da cadeia de comando era uma coisa. Lidar com a imprensa era algo infinitamente pior. Desejando ter ficado no pátio com o medonho cadáver, ela respirou fundo e caminhou até o cordão de isolamento.

— Deixe-me entender isso direito. Você quer que eu faça parte da equipe durante esse inquérito de homicídio, mas não quer que eu conte a ninguém? — O olhar divertido de Tony mascarava sua raiva pela relutância dos policiais influentes em aceitar o valor do que ele sabia fazer.

Brandon suspirou. Tony não estava facilitando as coisas para ele, mas, também, por que deveria?

— Quero evitar qualquer insinuação na imprensa de que você está nos ajudando. A única chance que tenho de envolvê-lo formalmente na investigação é persuadir o chefe de polícia de que você não vai roubar os holofotes dele e de seus policiais.

— E que não vai ser do conhecimento público que Derek Armthwaite, a Mão Divina, está recorrendo aos homens do vocabulário difícil em busca de ajuda — disse Tony, com uma aspereza na voz que revelava mais do que ele desejava.

O rosto de Brandon se contorceu num sorriso cínico. Era bom ver que era possível enrugar aquela superfície lisa.

— Se é isso que diz, Tony. A rigor, é uma questão operacional, e ele não deve interferir a menos que esteja fazendo algo que seja contrário às políticas da força e do Ministério do Interior. E faz parte da política das práticas recomendadas de gestão lançar mão de ajuda especializada sempre que for apropriado.

Tony bufou com uma risada.

— E você acha que ele vai me aceitar como “apropriado”?

— Acho que ele não quer outro confronto com o Ministério do Interior ou com a corregedoria. Ele vai se aposentar daqui a dezoito meses; está desesperado pelo título de cavaleiro.

Brandon não podia acreditar no que dizia. Ele não expressava esse tipo de deslealdade nem para a esposa, que dirá para alguém que era praticamente um estranho. O que Tony Hill tinha para fazê-lo se abrir de modo tão imediato? Esse papo de psicologia devia ter algum valor no final das contas. Brandon se confortou de que, pelo menos, ele tinha aplicado o tal valor em prol da justiça.

— Então, o que me diz?

— Quando começo?